

# O mundo vegetal no conceito popular. Fitolatria. Práticas e crenças supersticiosas de feição dendrolátrica

POR

**Guilherme Felgueiras**

Da Soc. Portug. de Antrop. e Etnol.

Pelas nossas camadas populares mais ignorantes, ou de superficial desenvolvimento intelectual, são atribuídos a determinadas plantas os mais variados mistérios e as mais prodigiosas virtudes. Muitas espécies arbóreas e arbustivas, e até mesmo ervas espontâneas de porte rasteirinho, têm para os indivíduos de imaginação vã, poderes simbólicos veneráveis.

A magia patológica, os exorcismos e ofícios, a credulidade nos amuletos defensivos como precaução contra certas enfermidades... são de todos os povos e perduram através de muitas civilizações. Existem desde os primórdios da História, ofuscando-se na distância do tempo.

Apesar de serem universais determinados fetichismos, grosseiros enguiços, abusões e agoiros, verifica-se que o nosso povinho de alma ingênua, mantém uma persuasão mórbida à vista ou ao contacto de muitos vegetais. Assinala-os, através dum minguido e precário empirismo. Regula muitos actos da sua vida pela observância supersticiosa, fundada na confiança em coisas ineficazes e no temor de presságios fantásticos, preconceituosos.

O Cristianismo, com a sublimidade das suas doutrinas e com a expansão mística, não conseguiu expurgar certas rotinas e ficções bárbaras. Os progressos da ciência e da razão, o conhecimento dos factos pela observação e pela experiência, não fizeram desa-

parecer determinados ritos gentílicos e apreensões insensatas. Hoje, como outrora, preservam-se as pessoas, os gados, as habitações, o material e dependências agrárias, os veículos e embarcações... com ramagens e plantas fetiches, a que se atribuem poderes ocultos. Determinados vegetais têm para o povo crenteiro de baixa esfera, virtudes proféticas, influências diabólicas ou estritamente mágicas. Para evitar coisas malévolas ou espíritos ruins, basta uma perneira de arruda, o alho-porro de S. João (*Allium Ampeloprasum*, Lin.), ou a cebola-albarrã (*Urginea maritima*, Lin.) Baker. Esta planta bolbosa, tem mesmo a prerrogativa de participar num ensalmo, torpe imprecação das mulheres de «más-artes»:

— *Eu te benzo, eu te esconjuro,  
Com a pata do meu burro  
E a «cebola-albarrã»,  
Para que te dê uma terçã  
Que não dures 'té amanhã, pela manhã.*

A erva-cidreira (*Melissa officinalis*, Lin.), planta aromática muito empregada na medicina caseira, entra igualmente na superstição, como rezam as seguintes quadras:

— *Quem quiser curar feitiços  
Tome chá de «erva-cidreira»,  
Colhida por uma donzela  
Na noite são-joaneira.*

— *Com o chá de «erva-cidreira»  
E com a «arruda» em pó,  
Nunca o diabo fez farinha  
Em casa da minha avó.*

Entre muitas outras, é predição agoirenta o ouvir estalar a madeira dos móveis durante a noite. O fumo de canas queimadas, provoca dor de dentes.

Grande número de vegetais são mencionados pela mística religiosa que os cerca — as cruces, em hastes de cana enramadas de alecrim bento, com que se assinalam as searas alentejanas no

Domingo de Ramos; os simbólicos ramalhetes de espigas, pampilros, galhos de oliveira e papoilas, em Quinta-feira da Ascensão; o palmito e a capela de flores, que os defuntos inocentes e as donzelas castas levam para a sepultura. Outras plantas têm miríficas virtudes: — uma flor de laranjeira, natural, tirada da grinalda duma noiva, confere virtude conjugal e sorte feliz aos jovens casa-doiros; o capítulo da alcachofra brava (*Cynara humilis*, Lin.) passado pelo fogo na noite são-joaneira, e exposto ao relento, determina o grau de amizade do namorado consulente, conforme reverdecem, ou não, os filetes papilosos chamuscados. O milho-rei, que concede aos participantes das descamisadas, o direito de distribuírem beijos e abraços pelas moças. O trevo de quatro folhas (foliolos), dá felicidade.

— *O trevo de quatro folhas  
Quem o achar tem fortuna,  
Apesar de o ter achado  
'Inda não tive nenhuma.*

A inocente costumeira de desfolhar o malmequer, é um vestígio dos antigos processos de sondar o futuro através dos oráculos; os rapazes e raparigas para averiguarem a lealdade do ente que lhes merece afeição, colhem o malmequer. Para o consultarem, arrancam, uma por uma, as lígulas que rodeiam o disco floral, silabando sem interrupção da primeira à última: — «bem... me... quer», «mal... me... quer», «muito... pouco... nada». Referem-se a esta ilusória credence, algumas trovas do cancionero popular. Destacamos de entre outras:

— *Menina, se quer saber  
Qual é a intenção minha,  
Desfolhe este malmequer  
Pois ele tudo adivinha.*

— *Ó malmequer feiticciro,  
Que os segredos adivinhais,  
Dizei-me se o meu amor  
Tem outra a quem queira mais?*

— *Malmequer não é constante,  
Malmequer muito varia;  
Vinte folhas dizem — morte,  
Treze dizem — alegria.*

Presas a sedições preconceitos, as criaturas de mentalidade apoucada, desdenham muitas vezes da ciência médica, dando preferência a decadentes fetichismos, talismãs, chás milagreiros e mezinhas dos curandeiros exploradores da credulidade. Atribuem propriedades particulares profiláticas a inúmeras plantas agrestes e recorrem a tratamentos mágicos com vegetação montesinha.

O aipo silvestre (*Apium graveolens*, Lin.), é de radical efeito contra o entorpecimento mórbido, que vulgarmente se crê ser determinado por sortilégio ou feitiçaria. O ditado o confirma: — «onde está o aipo branco, não põe o diabo quebranto». A salva, é também usada com vantagem no curandeirismo e na medicina popular — «quem tem a salva na horta, tem o cirurgião à porta».

Para o «aranganho» (abatimento de pessoas ou prostração de animais), não há como o defumadoiro com cominhos: o seu poder é tão eficiente, que cura quebrantos retardados. Uma meia-lua de pau de aroeira ou lentisco (*Pistacia lentiscus*, Lin.), usada como talismã, preserva as crianças de tenra idade da influência nefasta das «luadas»; ficam livres das lombrigas, quebrantos e «maus-olhados» se lhes suspenderem um colar com nove continhas de raiz de lírio ou de miolo de figueira. O linho, de nove linhares, apanhado na noite de S. João, é bom para curar a sarna e outras afecções cutâneas. Para o «fedelho» dos bácoros (enterite disentérica), está radicada a persuasão de que deverá ser-lhes feita a cama com tomilho.

O boíbo do açafão bravo ou «pé-de-burro» (*Crocus Clusii*, Gay), pendente do pescoço, livra da peste e das malinas. Tanto o açafão, como a sabina e a arruda, são usados popularmente como agentes terapêuticos emenagogos, para restabelecer o mênstruo, embora o seu uso possa provocar acidentes gravíssimos. As mulheres amenorreicas, isto é, que não são «assistidas», por supressão do fluxo periódico, recorrem imprudentemente nas aldeias ao emprego dos «chás» de erva das sete-sangrias ou «sargacinha»

(*Lithospermum diffusum*, Lag.), planta que tem propriedades abortivas. Uma quadra popular, corrente em Póvoa de Lanhoso (Minho), alude ao uso desta tisana caseira:

— *À sargacinha dos montes  
Devo eu obrigações,  
Qu'encobre os meus segredos  
Em certas incasiões.*

Há pelos hortejos, frutos, tais como a melancia, e pelos campos, plantas espontâneas, como o tormentelo e a verbena ou urgebão, que as mulheres empregam para higiene de toucador ou como fortificantes capilares. Certas cantigas, referem-se a estas práticas, baseadas em usos comuns:

— *Ó minha cara de neve,  
Com que lavais o teu rosto?  
— Com a água da melancia  
Colhida no mês de Agosto.*

— *Diga-me, ó minha menina,  
Com que lava o cabelo?  
— Com uma ervinha do monte,  
Que se chama «tormentelo».*

— *Eu lavei o meu cabelo  
Com a água da «berbena»;  
Meu cabelo cresce, cresce,  
Minha alma pena, pena.*

No rifoneiro, corre também este adágio:

— *Não te laves com urgebão,  
Que te crescerão os cabelos até ao chão.*

Fender longitudinalmente a haste (turião) de uma silva, e entalar-lhe uma pequena madeixa de cabelos cortados da trança, faz apressar o casamento às moças solteiras.

Passaremos, sucessivamente, em revista outras plantas que têm prendido a atenção dos simplórios de mentalidade escassa, através duma credulidade insensata:

Principiaremos pela *nogueira* (*Juglans regia*, Lin.), a árvore de alto porte bem conhecida pela excelência da madeira e pelos frutos, que se tornaram alimento predilecto — «*nozes com pão, sabe a casar*», diz, sentenciosamente a máxima.

É pelo mês de Novembro, que em muitas feiras do País se vendem, compram e distribuem presentes de nozes, tradição que deve ser muito antiga. O povo fez entrar as nozes em um dos seus ritos: assim, em algumas das nossas vilas e aldeias, quando os velhos hábitos não estavam ainda pervertidos, o noivo, ao casar, deitava fora uns punhados de nozes, o que simbolizava a dissipação na vida despreocupada de solteiro e a entrada na vida regrada de casado.

O fruto da noqueira, está ligado também a certas costumeiras supersticiosas. Essa drupa ordinariamente é bivalve. Quando, por casualidade, aparece com três valvas — «*noz de três esquinas*» — é considerada amuleto de valor para afastar as bruxas. Em Ferreira do Zêzere, a gente moça quando encontra, pela Quaresma, uma noz com aquela anomalia vegetal, estabelece entre os dois sexos conluio para amigável compadrio. Partem o fruto em duas partes e engancham de modo recíproco os dedos mínimos da mão direita, arengando em conjunto:

— *Eu te baptizo noz*  
*Filha da casca e neta da noqueira.*  
*Deus te criou p'rá minha algibeira;*  
*Raminho de bem-querer,*  
*Comadres firmes, até morrer.*

Quando, mais tarde, se avistam e distraidamente esquecem as relações estabelecidas, não usando os tratamentos de «*comadre*» ou «*compadre*», ficam colectados no pagamento de um pão alvo.

Só pessoas idosas devem fazer o plantio de noqueiras. Logo que o tronco da árvore atinja a grossura da pessoa que a plantou, essa criatura morrerá.

— *Oliveira* — género de oleáceas que compreende a árvore que produz a azeitona e cujo valor cultural é sobejamente conhecido. A oliveira (*Olea europae*, Lin.), era considerada na antiguidade com a significação convencional de sabedoria, de abundância e de glória. Para os cristãos, figura ainda como símbolo de paz; no Domingo de Ramos, substitui as palmas, amiudadas vezes, sendo tida como planta sagrada. Entre a série de trovas cujo tema é a oliveira, muitas se referem à profunda veneração que esta árvore inspira às classes populares:

- *Oliveira é pau santo,  
O seu tronco é sagrado,  
Que dá fruto que alumieia  
A Jesus Crucificado.*
- *Não cortes a oliveira,  
Não lhe deites o podão,  
Está a alumiar toda a noite  
À Senhora da Assunção.*
- *A oliveira é benta,  
Ramo dela tem virtude,  
Passei por ela doente  
Logo me achei com saúde!*

No dia de Nossa Senhora das Candeias (2 de Fevereiro), a fim de que as oliveiras «encandeiem», ou floresçam bem, deverá frigir-se em azeite qualquer coisa, nem que sejam umas folhinhas arrancadas da árvore. A praxe, no concelho de Alcobaça, é fazer filhós. Os namorados, designam pelo nome de «sortes» as folhas duplas (fasciadas) apresentando um só pecíolo. Quando deitam no brasido as folhas com essa anomalia, aguardam com interesse que elas não estalem, o que, a dar-se, será indicação de falta de estima. Outras vezes fazem a experiência pela seguinte forma: a rapariga segura numa parte do limbo das «sortes», e o rapaz no extremo oposto. Puxam, simultâneamente, a folha dupla para que esta rasgue. O que ficar com a parte ligada ao pecíolo, terá a primazia na sinceridade da amizade.

Os ramúsculos de oliveira e o espargo do monte, molhados em azeite, são utilizados pelas mulheres de virtude na magia patológica. Para talhar o «erzip'lão», as curandeiras têm uma receita simples: — seguram na mão esquerda uma tesoura aberta e, na direita, uma pena de galinha preta e um galho de oliveira molhado em azeite, com os quais vão borrifando o doente erisipelado. Ao mesmo tempo vão arengando o seguinte esconjuro:

— *Pedro Paulo foi a Roma,  
Jesus Cristo encontrou,  
O Senhor lhe perguntou:  
— Donde vens, Pedro Paulo?  
— Eu, Senhor, fujo da minha terra  
Onde há muita «zipla» e erisipela.  
— Torna atrás, Pedro Paulo  
E vai talhá-la com água da fonte,  
Óleo de oliva e espargo do monte;  
Benze-a com pena de galinha preta  
E azeite virgem de «oliveira benta»  
E ninguém morrerá dela.  
— Em louvor de S. Pedro, S. Paulo e S. Silvestre,  
Quanto eu faço preste,  
E o Senhor seja Divino Mestre.*

A oliveira e o loureiro, em certas localidades são verdadeiros amuletos naturais, pois há a suposição de que as faíscas não atingem estas árvores.

— A *figueira* (*Ficus Carica* Lin,) a árvore disseminada por todas as províncias, cultivada ou subespontânea, que quer o «*pé na água e a cabeça ao sol*» e cuja lenha é «*rija de fumo e fraca de madeira*», é considerada pela gente do campo, na sua mentalidade simplista, como planta lenhosa amaldiçoada. Tem má sombra — «*debaixo da figueira não façás cabeceira*» e dá frutos sem florir, por que Judas nela se enforcou! Sonhar com figos pretos, é sinal de luto.

Entre os aldeãos saloios de cerrado obscurantismo, e mesmo entre os habitantes de outros povoados, tanto do Norte como do Sul, mantém-se a credulidade insensata de que não se deve queimar



lenha de figueira nas proximidades dos aidos ou estábulos, para que o leite não seque às vacas. Em Barcelos (Minho), têm como certo que o fumo da ramagem dessas árvores, faz desaparecer o leite, não só às mulheres como às fêmeas de todos os animais domésticos que estejam em função lactígena.

Em Penamacor (Beira Baixa), levam ainda mais longe a superstição, pois admitem que se avinagrará o vinho a todo aquele que utilize para seu lume, lenha de figueira. Em Turquel (Alcobaça), quando pretendem acolher-se ao copado da figueira, para dormirem ou se abrigarem do sol, arrancam previamente três folhas à árvore, a fim de que a sombra lhes não seja nociva.

— O *sabugueiro* (*Sambucus nigra* Lin.), a que no Minho chamam também «sempre-verde», é uma árvore de pequeno porte que vegeta nas sebes, nas orlas dos campos e margens das ribeiras.

As suas flores branco-amareladas, têm a suposta virtude de talismã. São usadas, associadas por vezes a ramagens de oliveira, nos jugos e cornaduras dos pacíficos boizinhos que puxam os carros e os arados, para os preservar das diabruras do mafarrico.

Três «tranquinhos» de sabugueiro, ou de funcho, servem para curar o «fogo-lobo» ou «ruborado», eczema que aparece acompanhado de prurido e de tumefacção vermelha. Às mezinheiras, para o debelar, murmurinham o seguinte exorcismo:

— «*Sempre-verde*», bem aventurado,  
*Pela chuva foste regado,*  
*Do vento abanado,*  
*Tira o fogo a este ruborado!*  
*Santa Cecília três filhas tinha;*  
*Uma na fonte, outra no rio,*  
*Outra no fogo que ardia...*  
*Perguntou à Virgem o que fazia?*  
*Nossa Senhora respondeu:*  
 — *Bota três vezes saliva no «sabugueiro»*  
*Que, pelo poder de Deus, logo sararia.*

Após a prática supersticiosa, o paciente cospe três vezes no sabugueiro e lança a planta em rio que não costume secar, para

que esta não seque também. Quando se utiliza o funcho para curar a dermatose, a reza é diferente:

— *«À que d'el-rei! quem acode  
Ao fogo-lobo que começa!  
Com «funcho» do monte  
E água da fonte.  
Por meu poder e da Virgem Maria,  
Padre-Nosso e Ave-Maria.*

— O *azevinho* (*Ilex Aquifolium* Lin), é um arbusto espinhoso, conhecido também por «visqueiro», «farinheiro» e «pica-folha».

Em certas terras do Norte, pessoas de ambos os sexos, vão na noite de São João, em ranchos, colher azevinho ao monte. No acto do corte dançam em volta da planta, ao som da viola, e resmoneiam por três vezes:

— *«Meu azevinheiro novo,  
Aqui te venho colher,  
Para que me dê fortuna  
No comprar e no vender  
E em todos os negócios  
Em que eu me meter.»*

Na Meadela (Alto Minho), levam mais longe esta verdadeira exultação de paganismo: ajeitadas as braçadas do azevinho, marcham com elas até junto de três igrejas «machas». Por vezes borrifam a planta com vinho. Um dos componentes do grupo ajoelha-se então, no que é imitado pelos restantes companheiros, e bate com o ramo três vezes nos pórticos dos templos visitados.

Concluída esta tradição, todos se dirigem à beira-mar. Ali, as pessoas interessadas nos benefícios do azevinho «apanham» três ondas, segurando sempre no ramalho que, depois guardam em casa, como amuleto para desviar malefícios e desgraças. São-lhe atribuídas virtudes sobrenaturais e, por isso, correm a queimá-lo quando tropeja.

— A *romãzeira* (*Punica Granatum* Lin.), apreciada pelas suas infrutescências coroadas (baláustias), com sementes carnudas e de

ordinário purpúreas e acidulas, é tida como símbolo da felicidade e da fecundidade.

Tem as seguintes designações populares: «romeira», «milgreira» e «milgrada».

Entre as classes iletradas, subsiste a tradição de servir no dia de Reis (6 de Janeiro), uma romã da qual se apartam alguns bagos de polpa rosada, que são guardados em gavetas e mealheiros para darem durante o ano abundância e riqueza ao seu possuidor.

O povo diz, irreflectidamente, que as laranjas de cor sanguínea, são enxertadas em romã. Certo é porém que a família botânica a que pertence a romãzeira, é das mais pequenas, visto ter um só género (*Punica*), e, não tendo afinidade com qualquer das nossas fruteiras citrinas, não pode para elas servir de porta-enxerto.

— A *alfazema* (*Lavandula spica* Lin.), é um arbusto vivaz muito da predilecção da gente do campo. Forma tufos compactos, produzindo inflorescências odoríferas, em espigas de um lindo azul-violáceo. Nos dias festivos, em que os romeiros cheios de exuberante alegria regressam dos arraiais minhotos e durienses, a rama da alfazema que ao longo dos muros espreita os caminhantes, leva grande desbaste, pois é costume aldeão não arrecadar nas velhas arcas de castanho, o bragal de linho, as saias de estamenha ou os xailes de merino, sem que lhes reúnam as sumidades floridas da alfazema. Associadas estas aos peros melápios e às maçãs camoesas, dão «cheirinho» à roupa e ajudam à sua conservação.

É cheia de graciosidade a maneira como as camponesas arranjam com esta aromática planta umas pequeninas «rocas». Dobram os caules sobre um feixe de quatro a seis espigas, que assim ficam resguardadas e prontas a ser dispostas nos baús e arcas da roupa.

Entre as crendeiças absurdas, há a convicção de que a alfazema traz felicidade aos recém-nascidos em cujos quartos de dormir é queimada. Quando às crianças de mama não se lhes conserva o leite no estômago, as mães põem-lhes pendentos do pescoço, umas bolsinhas de chita contendo alfazema.

As benzilheiras não utilizam esta labiada apenas como aromato, empregam-na igualmente em defumadoiros e feitiçarias, para afugentar bruxedos e livrar de malefícios.

— O *alecrim* (*Rosmarinus officinalis* Lin.), conhecido também por «alecrineiro», «alcarneira» (Algarve), «alecrinzeiro» e «romeiro» (Minho), é um arbusto lenhoso com larga cotação entre a população campestre, pelo culto popular que o rodeia. É o «rei das ervas», como elucida a cantiga:

— Ó *alecrim*, rei das ervas,  
Ó oiro, rei dos metais;  
As falas que dás a outra,  
São facadas que me dais!

É a flor dilecta dos namorados. Quando deparam com esta planta de cheiro aromático e activo, colhem sempre pequenos ramos, estabelecendo permutas. Lá está o adágio que os adverte:

— *Quem pelo alecrim passou e dele não colheu,  
Ou nunca teve amores, ou deles se esqueceu.*

O seu fumo é santo, afugenta o raio; por isso queimam o alecrim quando se desencadeiam trovoadas. Benzido, posto nas searas, em Domingo de Ramos, livra as culturas de sortilégios feiticeirais. Aludem às propriedades maravilhosas e ao poder mágico do alecrim, as trovas seguintes:

— *P'ró quebranto e olho mau,  
Ramo d'alecrim queimar,  
Com o fumo da casca d'alhos  
Tudo foge lá p'ró ar.*

— *Alecrim! Alecrim  
Alecrim a arder!  
O teu fumo é santo,  
Junto a Deus vai ter!*

Apanhado na manhã de S. João, antes de nascer o sol, e reunido em feixe juntamente com a erva-da-inveja, o funcho, a arruda e a flor do sabugueiro, livra de malefícios.

— *Quando saíres para a rua,  
Não o faças sem ajuda:  
Leva um ramo de alecrim  
E um galhinho de arruda.*

Pelo ciclo pascal, os namorados no Alentejo, colhem raminhos de alecrineiro e oferecem-nos às suas compatrióticas, com as tradicionais palavras:

— *«Verde é e verde cheira,  
Fica presa p'ra quinta-feira.»*

e as moçoilas respondem, galanteadoras:

— *«Já que m'ó deu a cheirar,  
Tem que me dar o folar!»*

Quinta-feira Santa, radiantes os rapazes vêm à cidade comprar o cartuchinho de amêndoas sortidas, que elas aguardam sorridentes.

O alecrim, associado ao rosmaninho, à salva, à erva-cidreira, às palhas-alhas e às folhas de oliveira, é empregado em defumadoiros. As benzilheiras passam, três vezes e em cruz sobre o fumo, as crianças depauperadas fisiologicamente, recitando ao mesmo tempo este ensalmo:

— *«Quando Nossa Senhora pelo Egipto passou,  
Três tranquinhos de «alecrim» apanhou  
E seu amado Filho defumou;  
Assim como a Virgem defumou  
Seu Filho para bem cheirar,  
Assim eu defumo este menino  
Para o salvar.»*

— *Giesta*, «giesteira» ou «maias» (*Cytisus*, L.). Nome comum a vários arbustos inermes da família das leguminosas, de ramos numerosos e pouco folhosos, flores amarelas ou brancas, que vegetam pelos matagais, charnecas e terras bravias.

As franças, flexíveis e compridas, de algumas variedades — «ferrunchos» — prestam-se a ser utilizadas como escovalhos e

vassourões para, nas eiras, separarem o grão do casulo e palhiço. Designadamente no Douro e Minho, faz-se amplo comércio de vassouras de giesta, nas feiras e mercados. Em Arcos de Valdevez (Minho), cantam nas romarias:

— «*O meu amor amou-se,  
Foi às amoras a Coura,  
Num havia lá giesta  
Fizeram dele vassoura.*

Além dos títulos já mencionados, a giesteira goza da particularidade de ser uma planta de virtude. Em Mação (Beira Baixa), há uma tradição curiosa: na segunda-feira da Páscoa, aparecem todos os anos pelas ruas, logo de manhã, rapazes da vila munidos de grandes ramalhos de giestas, das mais vigorosas que encontram pelos oiteiros. Com eles, fustigam todos os cães que aparecem para lhes tirarem a «rabugem» (sarna). É costume antiquíssimo, que se vem transmitindo de geração em geração. Por analogia, varrer uma criança com um ramo de giesta branca, cura-lhe todas as empolas do corpo.

Ainda com fundamento nos ignaros abusões, há um outro predicado que exalta este arbusto agreste; é servir para as moçoilas e os mancebos casadoiros, experimentarem através das suas guias, os cabalísticos dilemas do amor. Quando passam por um giestal e desejam saber se casarão nesse ano, lançam a mão direita à haste duma planta e, apressadamente, tratam de lhe dar um apertado nó, sem contudo sustarem o passo. Uma trova, que anda na boca dos romeiros na Beira Alta, refere-se a este uso:

— «*Ó Senhora dos Remédios,  
Dei um nó na giesteira!  
Hei-de lá ir para o ano,  
Ou casada ou solteira.*

No dia primeiro de Maio, sobretudo nas aldeias nortenhas, é uso enfeitar com os galhos floríferos da giesteira de corolas amarelas — «maias» — as fechaduras, aldrabas e escudetes dos portais

das moradias e os cancelos dos aídos, para exorcizar as tentações do mafarrico e evitar que os espíritos ruins entrem pelo buraco da fechadura.

Já Teixeira de Aragão, frisou que a festa do «Maio-moço», para saudar a Primavera, é uma verdadeira festividade druídica. Quando as moitas regurgitam, amareladas pelo oiro vivo das giestas, as varandas, janelas, sacadas e até os carros boieiros, são enramalhados garridamente, uso antiquíssimo que se filia numa lenda em que o Paganismo e o Cristianismo se dão as mãos.

— *Trovisco* (*Daphne Gnidium* Lin.), arbusto timeleáceo, com propriedades venenosas, que vegeta nas charnecas e terrenos áridos. Possui, no entendimento popular, mágicas e poderosas virtudes. A cantiga transmontana entremostra um desses privilégios:

— *Se fores para o Picoto,  
Leva ramos de trovisco;  
Olha lá, que te não façam  
Como Judas fez a Cristo!*

As lavradeiras do Minho, quando regressam das feiras e se, por casualidade, mercaram algum bacorinho, rodeiam-lhe o pescoço com um colar feito da tona do trovisco. Ao meterem o leitão na «loja», ou seja no cortelho, fazem com que ele entre às arrecuas, para que não fique tolhido. «*Não! que há gente que olha de lado!...*» advertiu-nos receosa uma feirante, quando a interrogamos sobre tão estranha precaução.

Esta maravilhosa planta, tem ainda o poder de afastar as trovoadas. Quando ribomba e relampeja, as mulheres da Beira Serra correm a espetar ramagens de trovisco nas portas e janelas, ao mesmo tempo que, de joelhos em terra e mãos erguidas, rezam a S. Jerónimo e a Santa Bárbara. Esta crença estende-se ao Baixo Alentejo, como o certifica a seguinte ária:

— *Vi uma trovoada armada,  
Acolhi-me a um trovisco;  
Bradei por Santa Bárbara,  
Acudiu-me Jesus Cristo.*

Nunca se devem queimar hastes de trovisqueiro, pois foi sobre elas que Nossa Senhora enxugou as envoltilhas do Deus-Menino.

As altas propriedades deste arbusto, estão igualmente bem definidas na cura do sezonismo. Em certas aldeolas de Entre Douro e Minho, botam fora as «maleitas», conduzindo o doente para junto de um trovisqueiro. Para que o tratamento seja eficiente, é essencial que o mezinheiro se faça acompanhar de uma vasilha com água, de um trapo, de uma faca, de um naco de pão e de um traçalho de carne. O maleitoso, deve dar três voltas em redor da planta e dizer em cada um dos circuitos:

— *«Deus lhe dê bós dias, senhor capitão!  
Empreste-me a sua camisa para uma função:  
E aqui tem carne e pão.  
Faca para partir, auga p'ra se lavar  
E pano p'ra se alimpar.*

Concluída esta tarefa, tira-se a casca ao trovisqueiro, que é trazida para casa e posta na lareira; à medida que ela for secando, assim a moléstia vai desaparecendo. Na Maia, a magia patológica assemelha-se: quem tem impaludismo, vai a uma bouça e, ao deparar com uma moita de troviscos, coloca junto dela um feixe de palha, um farrapo velho, uma pinga de vinho numa infusa e uma fatia de pão. Por três vezes, deve soltar este esconjuro:

— *«Maleitas, ficai à sombra deste trovisqueiro;  
Aqui fica palha para te deitares,  
Pão para comeres, vinho para «buberes»  
E pano para te alimpares!»*

Seguidamente, o padecente dirige-se em correria para casa, sem olhar para trás. Pessoa ou animal irracional que depare com aquele estendal, ficará com as sezões no corpo. Na Beira Baixa a terapêutica popular é diferente: tomam uma infusão de «macela», colhida em Quinta-feira da Ascensão.

Em Turquel, as tabuletas branqueadas com cal, assinalando que as propriedades estão defesas e sujeitas à imposição de muitas, têm quase sempre pendente um ramo de trovisco.



— A *arruda* (*Ruta chalepensis* Lin.), é uma planta vivaz, fétida, que cresce nos outeiros secos e estéreis, utilizada em bruxedos pela gente ignorante e supersticiosa. São-lhe atribuídas virtudes cabalísticas, defensivas contra o enquiço e outros maus influxos. É queimada para afugentar os espíritos malignos. Este provérbio atesta a sua importância:

— «*Se a mulher soubesse a virtude da arruda,  
buscá-la-ia de noite, à lua.*»

Colhida pelo Natal, à meia-noite, acentuam-se as suas propriedades mágicas. Fervida em azeite, serve para fricções. Está isento de bruxas, perigos e feitiços, quem trouxer consigo cabeças de arruda de cinco ou sete «gaitinhas» (lóculos). Dependurada das traves do tecto, destrói os efeitos das maldições.

Quando se nos depara no caminho este subarbusto, é de bom aviso não passar adiante sem o cheirar. Recomenda o provérbio:

— «*Quem passou pela arruda e não a cheirou,  
Se quebranto trazia, quebranto levou!*»

O cancionero popular refere-se a esta planta espontânea, nos seguintes modilhos tanto em voga:

— *Deste-me um ramo de arruda,  
Fizeste de mim demónio:  
Quando tu é que me tentas,  
Como o demo a Sant' António.*

— *Dezóito mil feiticeiras  
A elas não tenho medo,  
Qu'eu tenho uma cruz d'arruda  
No tope do meu cabelo.*

— *Feto*, é o nome genérico de um grande número de vegetais. Apenas nos referiremos ao «feto ordinário» (*Pterium aquilinum* Lin.) ou «feto morangueiro», frequente nas terras ácidas incultas, por ser com ele que os saloios afofam os cabazes com morangos

que vêm vender a Lisboa; e ao «feto-real» (*Osmunda regalis*, Lin.), que vegeta nos sítios húmidos e margens dos cursos de água, ao qual a gente crendeira atribui actos virtuosos. Esta última espécie, tem uma nomenclatura variada entre a nossa grei aldeã: — «feitelha», «feito», «feta-real», «fieito», «fento», «fentêlha», «feite» e «fêntão».

Segundo diversas versões do Norte, quem, na vigília sanjoanina, à meia-noite em ponto, apanhar a semente do «feto-real», ficará detentor de avultada riqueza, por que nessa planta se acham encantados tesouros do tempo dos mouros. No dia e hora indicados, reúnem-se junto da «feitêlha», o Diabo e várias personagens sobrenaturais, em estranha dança, e será demasiada imprudência ir presenciar estas aparições aterradoras.

A criatura que pretender colher a semente sacudida do «feto-real» naquele momento por Satanás, não deverá ir acompanhada e para conseguir a fortuna tem que estender um lenço em redor do feto. Ao lado, é prudente riscar um sanselimão (signo-saimão) no terreno, e meter-se dentro do tracejado, para que o Mafarrico a não «empêça». Em terras gaienses esta credence estava outrora tão inveterada, que era frequentíssimo ouvir-se cantar:

— *«Não vás ó serão a Avintes,  
Nem p'ra lá botes o jeito;  
Olha que as moças d'Avintes  
Tem n'a semente do «feito».*

\*

As lendas pueris e as crenças supersticiosas do povo, coligidas como revelações tradicionais e analisadas como documentos etnopsicológicos, encerram certo valor científico, Contribuem para conhecimento do Homem, da sua maneira de ser, das suas faculdades mentais, sociais e morais.